

# A Vitória de 1945 e os perigos de guerra hoje

**José Manuel Baptista Alves**

Coronel, militar de Abril,  
dirigente da Associação Conquistas da Revolução  
e do Conselho Português para a Paz e a Cooperação

O Século XX conhece duas guerras mundiais, duas enormes catástrofes com epicentro na Europa.

Para se falar da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial é preciso ir um pouco atrás e tentar identificar as razões que levaram ao conflito, desde logo a crise que se iniciou nos EUA, em Outubro de 1929, por uma crise da Bolsa, e que assumiu rapidamente um carácter mundial.

Foi uma crise longa, com resultados catastróficos:

- o desemprego nos EUA passou de 3,1% em 1929 para 24,7% em 1933;  
na Alemanha, de 5,9% em 1929 para 17,2% em 1932;  
no Reino Unido, de 5,9% em 1929 para 13,1% em 1932;
- a taxa anual média de retrocesso da produção industrial caiu 10,9%,  
no período de 1929 a 1932;
- o movimento do comércio mundial desceu, em valor, cerca de 60%,  
entre 1929 e 1932.

Depois, há que ter em conta que nas potências que saíram derrotadas da 1.<sup>a</sup> Grande Guerra, como a Alemanha, ou que não beneficiaram da vitória, como a Itália e o Japão, os potentados industriais e financeiros cedo se mostraram interessados num novo conflito que lhes proporcionasse uma nova partilha de **territórios, mercados e fontes de matérias-primas**, e ao mesmo tempo lhes permitisse o esmagamento das reivindicações operárias e populares, que a vaga revolucionária sequente ao pós 1.<sup>a</sup> Grande Guerra e o seu mais saliente resultado, a Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, animavam.

E é por isto que apostam no programa militarista, nacionalista, expansionista e antidemocrático do fascismo.

É neste contexto que, em 1936, os fascistas já haviam chegado ao poder, na Itália, Hungria, Áustria, Polónia, Roménia, Bulgária, Alemanha e Espanha... e Portugal (com a promulgação da Constituição de 1933, que consagra o seu carácter fascista).

Um outro facto a reter é a provada ineficácia das políticas anti-crise adoptadas, quer ao nível das nações quer ao nível internacional, que explicam o arrastar da depressão. A produção mundial só começa a subir verdadeiramente com a corrida ao armamento, durante o ano de 1938.

Entretanto, o Japão já havia invadido a China e vários territórios do Sueste Asiático e Pacífico. A Itália já tinha juntado a Etiópia às suas colónias e ocupado a Albânia e a Grécia. A Alemanha – remilitarizada perante o olhar passivo das potências ocidentais, como a França ou a Grã-Bretanha – já tinha anexado a Áustria e ocupado a Checoslováquia. E isto acontece na sequência do Pacto de Munique, com a conivência da França e da Grã-Bretanha, esperanças estas no direccionamento da poderosa máquina de guerra nazi contra a União Soviética.

Em 1 de Setembro de 1939, a Alemanha invade a Polónia. Inicia-se então a II Guerra Mundial.

Em 27 dias o exército alemão entra em Varsóvia e obtém a rendição da Polónia.

Entusiasmado com o êxito da sua teoria da «guerra-relâmpago», Hitler avança, ocupa a Noruega, a Dinamarca e, em 10 de Maio de 1940, lança as suas forças na ofensiva a

ocidente contra a Bélgica e a Holanda, o Luxemburgo e finalmente a França.

Em Agosto e Setembro de 1940 a Grã-Bretanha é bombardeada pela aviação alemã.

Em Junho de 1941, o nazi-fascismo aponta ao seu objectivo central, a União Soviética, iniciando a invasão em duas frentes, pelo Báltico e pelo Mar Negro.

Para se ter uma ideia da dimensão das forças envolvidas neste ataque, basta lembrar que, aquando do desembarque anglo-americano na Normandia, estavam envolvidas no ataque à União Soviética, 607 divisões do exército alemão (estavam 176 na frente ocidental), 75% da sua aviação, artilharia e tanques.

À custa de imensos sacrifícios, mais de 20 milhões de mortos, a URSS, resistiu tenazmente ao exército invasor e foi a primeira responsável pela derrota do nazi-fascismo. A Batalha de Stalinegrado, a mais sangrenta batalha de toda a História da Humanidade, ditou a viragem da guerra. Acabou com o mito da invencibilidade do exército alemão.

Quando se dá o desembarque na Normandia, em Junho de 1944, já a URSS tinha expulsado o invasor nazi do seu território e iniciado a libertação da Europa oriental e central.

A 8 de Maio de 1945, o exército soviético força a capitulação nazi em Berlim.

Em Setembro do mesmo ano, o Japão assina a sua rendição.

\* \* \*

Terminava assim a II Guerra Mundial, o mais brutal e sangrento conflito que a Humanidade já conheceu: nos campos de batalha, nas prisões e campos de concentração e extermínio em massa, sob os bombardeamentos ou de fome e doença, nas cidades e vilas arrasadas, morreram cerca de 60 milhões de pessoas e muitas outras ficaram feridas, estropiadas e traumatizadas.

Milhares de localidades foram destruídas e a economia e património cultural dos países envolvidos sofreram danos incalculáveis.

Nunca será de mais lembrar:

- Na União Soviética, mais de 20 milhões de mortos, como já dissemos e danos materiais incalculáveis;

- O Exército Vermelho registou cerca de 13 milhões de baixas;

- O exército dos EUA, que entrou na Guerra na sequência do ataque japonês a Pearl Harbour, em 7 de Dezembro de 1941, em todo o conflito, incluindo no Pacífico, registou 400 mil baixas;

- A Itália teve 450 mil mortos e perdas materiais calculadas em um quarto a um terço da fortuna nacional;

- Holanda, 230 mil mortos;

- França, 200 mil militares mortos e 400 mil civis e danos materiais incalculáveis;

- Grã-Bretanha, 300 mil baixas e 35 mil da marinha mercante, 60 mil civis mortos e 200 mil feridos, 200 mil casas destruídas e 250 mil danificadas;

- a Alemanha, 3,5 milhões de soldados mortos, 6 milhões de prisioneiros, 500 mil civis mortos e um milhão de desaparecidos, 70% dos edifícios foram arrasados no Ruhr e 53% em Hamburgo, em toda a Alemanha 15% das habitações foram destruídas e 25% danificadas;

- a China, ocupada e massacrada pelo militarismo japonês, perdeu mais de 10 milhões de pessoas.

Estes números não são provavelmente muito rigorosos, mas dão-nos uma ideia da dimensão da catástrofe.

Também nunca será demais lembrar o maior pesadelo da Humanidade, o lançamento das bombas atómicas sobre Hiroshima, em 6 de Agosto de 1945, e Nagasaki, três dias depois, em 9 de Agosto.

A cidade de Hiroshima, com cerca de 350 mil habitantes, ficou quase totalmente des-

truída (90%). De imediato morreram 80 mil pessoas e, nos três dias seguintes, mais 40 mil pessoas, a que se acrescentaram efeitos terríveis das radiações na saúde dos sobreviventes.

Nagasaki, cidade com 263 mil habitantes, foi igualmente destruída. De imediato morreram 40 mil pessoas e, nos três dias seguintes, mais 80 mil. Os efeitos dos bombardeamentos nucleares prolongaram-se pelas décadas fora, até aos dias de hoje, com doenças do foro oncológico, malformações e outras dramáticas consequências.

\* \* \*

Face a toda esta imensa tragédia, em Outubro de 1945 é constituída a Organização das Nações Unidas (ONU), criada com o objectivo de prevenir outro conflito internacional. Integrada inicialmente por 53 países, tem actualmente 193 membros efectivos. A manutenção da paz, a solução pacífica dos conflitos, a igualdade entre nações, sejam elas grandes ou pequenas, e a promoção do progresso social tornam-se elementos centrais das relações entre países.

Nos anos que se seguem ao final da guerra, o Mundo conhece alterações profundas.

Um forte movimento libertador, impulsionado pelas forças antifascistas, democráticas e patrióticas em cada um dos países, desenvolve-se e conquista posições importantes ao nível dos direitos laborais e liberdades democráticas e ao nível dos direitos universais à saúde, à educação e à protecção social. Nas colónias e nos países dependentes travam-se lutas de libertação nacional. O sistema colonial entra em derrocada.

\* \* \*

**A Guerra Fria** foi a resposta dos EUA. Sustentados no poderio económico com que saíram do conflito e no monopólio da arma atómica, os EUA (juntamente com a Grã-Bretanha) rompem a grande aliança vencedora da II Grande Guerra e reforçam a sua presença militar na Europa e no Oriente.

A contenção do comunismo e o combate à União Soviética são o pretexto para a corrida aos armamentos, a proliferação de bases militares avançadas e diversas intervenções militares.

Em 1949, é constituída a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN/NATO).

É perante esta realidade que cidadãos de todo o Mundo, tendo à cabeça alguns dos maiores vultos da ciência, das artes e da cultura daquele tempo, onde podemos situar nomes como Frédéric e Irene Joliot-Curie, Pablo Picasso, Pablo Neruda, Jorge Amado e os portugueses Fernando Lopes-Graça, Maria Lamas e Alves Redol, se unem na criação de uma consciência colectiva de luta em defesa da Paz e participam, nos anos de 1949 e 1950, na criação do Conselho Mundial da Paz. Eles tiveram a percepção, que o tempo vem tornando cada vez mais nítida, de que um novo grande conflito deste tipo não deixaria ninguém para o contar. Em 1950, juntamente com milhões de cidadãos de todo o mundo, apoiam o Apelo de Estocolmo, contra as armas nucleares.

\* \* \*

Em 1950, 25 de Junho, inicia-se a **guerra da Coreia**, que só viria a terminar em 27 de Julho de 1953, com a Coreia dividida em duas e com 1,2 milhões de mortos.

Em 1955, 30 de Abril, inicia-se a **guerra do Vietname**, que só viria a terminar em 1975 com uma estrondosa derrota dos EUA, tendo resultado 1,5 a 2 milhões de mortos.

Em 14 de Maio de 1955, é criado o Pacto de Varsóvia, aliança militar entre a União Soviética e outros países do Leste europeu.

A procura do equilíbrio militar e estratégico entre os dois blocos conduziu a uma desen-

freada corrida aos armamentos e um enorme desenvolvimento das armas nucleares e dos vectores capazes de as transportarem, procurando, cada um por sua vez, sobrepor-se ao outro.

\* \* \*

Entretanto perante a evidência de que a dimensão dos arsenais disponíveis era excessiva, as potências militares dominantes procuraram estabelecer acordos para a sua redução, em número, aliviando assim os respectivos orçamentos.

Em 1968, é assinado o **Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNT)**, envolvendo os cinco países que as possuíam, na altura (EUA, URSS, RU, França e China)

Preconizava-se então também o desarmamento nuclear, universal, geral e completo.

Em 1975 é assinada em Helsínquia, pelos governos de 35 países (entre os quais os EUA e a URSS) a **Acta Final da Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa**. A igualdade soberana entre países, a abstenção do recurso à ameaça ou uso da força, a inviolabilidade das fronteiras e o respeito pela integridade territorial dos estados, a não intervenção nos assuntos internos e a resolução de controvérsias por meios pacíficos foram princípios acordados, que permanecem como o mais sólido caminho para o futuro da humanidade.

Portugal subscreveu a Acta Final de Helsínquia, pela mão do então Presidente da República, Francisco da Costa Gomes.

No auge da nossa revolução de Abril, iniciada em 1974, com os olhos da liberdade reconquistada, víamos o Mundo caminhar para um promissor desanuviamento.

\* \* \*

Em 1989, após a «queda» do chamado «muro de Berlim», a situação geoestratégica global sofre uma alteração completa.

**O fim da «Guerra Fria» marca o início de um novo período.**

Os vencedores da «Guerra Fria» consideram estarem criadas as condições para se lançarem à conquista do Mundo.

Paulatinamente, de forma programada e determinada, estendem o seu poderio, agora sem adversário, vencendo a resistência daqueles que não se submetem aos seus interesses, através de manobras ardilosas de ingerência nos assuntos internos desses países, fomentando e armando golpes de Estado e revoluções ditas «democráticas» e/ou através da agressão militar directa.

Referiremos apenas as principais:

- **Desmantelamento da Jugoslávia**, de 1992 a 1995 - 97 mil mortos

**Sérvia** - Em 1999 Bill Clinton e Tony Blair mandam a NATO bombardear a Sérvia, com o argumento de que a Sérvia estava a praticar genocídio étnico sobre albaneses no Kosovo. Destruição de infra-estruturas, hospitais, escolas e mosteiros e da estação nacional de TV, com base numa fraude, como ficou provado mais tarde.

O objectivo destas guerras não deixa grandes dúvidas, aniquilar uma união multi-étnica com provas dadas, para se lançarem de imediato à conquista dos mercados e chorudos negócios com o desmantelamento do sector empresarial público. A Comunidade Europeia expande-se com benefício claro para a Alemanha.

- **11 de Setembro de 2001 nos EUA** . Ataque às torres gémeas e ao Pentágono. O combate ao terrorismo vai ser o pretexto para o recrudescer de acções militares agressivas.

- **Afeganistão** - Em Dezembro de 2001 o Conselho de Segurança da ONU autorizou a criação de uma força internacional de assistência para ajudar a manter a segurança. A tragédia do Afeganistão rivaliza, em destruição e número de vítimas, com a tragédia da Indo-

china. Obama considerou em 2015 a missão terminada, mas na realidade permanecem no Afeganistão 10 mil militares americanos e 20 mil mercenários.

- **Iraque** - invasão pelos EUA em 2003.

O balanço destas duas intervenções é de 1,3 milhões de mortos, maioritariamente civis, em 12 anos de guerra no Iraque, Afeganistão e Paquistão.

- **Síria** - a braços, desde 2011, com uma guerra provocada por grupos de mercenários, a soldo dos EUA, de grandes potências europeias e das monarquias do Golfo, regista já mais de 200 mil mortos. O ataque à Síria, a pretexto da destruição de armas químicas, chegou a estar eminente, não fora a oposição da Rússia e da China. Estava claro que o próximo alvo seria o Irão.

- **Líbia** – 2011, bombardeamento pelas forças da NATO. A Líbia de Kadafi teve o atrevimento de decidir soberanamente parar com as vendas de petróleo em dólares e promovia a constituição de uma união entre países pobres de África, regressando ao padrão ouro. Sarkozy, David Cameron e Obama não podiam tolerar este mau exemplo de ataque ao petrodólar, sustentáculo do poder imperial americano. Houve 9 700 saídas, mais de um terço das quais sobre alvos civis, com utilização de urânio... a sodomização pública de Kadafi e outros horrores

Resumindo, e socorrendo-me de números publicados recentemente, mais de um terço dos países membros da ONU - 69 países - desde 1945, foram invadidos e/ou viram os seus governos derrubados, seus movimentos populares desfeitos, suas eleições subvertidas, suas populações bombardeadas e suas economias capturadas, suas sociedades sujeitas a pesadas sanções económicas. Milhões de mortos. Sempre debaixo da mentira.

\* \* \*

## **Ucrânia**

O processo que começou com um golpe de Estado violento, apoiado pelos EUA e pela UE, em vergonhosa aliança com os neonazis, contra o presidente eleito da Ucrânia, passa por uma autêntica declaração de guerra à Rússia, em Dezembro de 2014, pelo Congresso dos Estados Unidos (Resolução 758), e passa agora por uma maciça campanha de propaganda pelos EUA e UE sobre a «pressão russa», o «expansionismo russo» e a «ameaça russa contra a segurança do Ocidente» e pela diabolização de Putin.

Já vimos este «filme» várias vezes, esta mesma tática em que os media (instrumentos que são nas mãos dos belicistas e dos senhores do dinheiro) preparam as condições psicológicas para a guerra acontecer. Já presenciámos as consequências trágicas, mesmo catastróficas, das guerras de agressão a que deram lugar: na Jugoslávia, no Afeganistão, no Iraque, na Líbia e na Síria.

Os belicistas imperialistas procuram a todo o custo levar a NATO à fronteira da Rússia, desintegrar a Federação Russa e consolidar o domínio total dos EUA no Mundo.

Barack Obama, cedendo às pressões dos poderosos lobbies do «petróleo» e da indústria do armamento e dos sectores mais retrógrados da sociedade norte-americana, anunciou já que pondera o envio de armas «letais» para a Ucrânia (o que é que isto significa?).

Em recente visita a Portugal, o Secretário-geral da NATO, o norueguês Jens Stoltenberg, afirmou: «*Enfrentamos uma situação difícil, a Rússia a usar a força militar, como o fez na Ucrânia, o que requer uma firme e forte resposta da NATO*». «*A presença militar da Rússia está a ser reforçada, pelo que temos o direito de aumentar a nossa presença*», e «*A razão de aumentarmos a presença da NATO no Leste, na Roménia, Polónia, Bulgária e Lituânia é cumprir a nossa responsabilidade de defender os nossos aliados*».

A sua passagem pelo nosso país tem a ver com a preparação do exercício militar previsto para Outubro, exercício que tem como finalidade testar a capacidade operacional da Força de Intervenção Rápida, criada em Setembro passado, na cimeira de Cardiff, mobili-

zável em 48 horas. O exercício decorrerá em Portugal e Espanha, envolverá 20 mil homens, sendo o maior exercício realizado no pós guerra fria.

\* \* \*

Mais uma vez nos fica a certeza, de experiência vivida noutras paragens, de que em toda esta estratégia belicista o que está em causa é o domínio e a rapina das riquezas e reservas naturais de matérias-primas, o controlo dos corredores dos gasodutos da Rússia para a Europa, das reservas petrolíferas do Mar Negro e, no horizonte também, as imensas reservas naturais do Ártico.

O aprofundar da separação e do conflito entre a Rússia e a UE serve esta estratégia norte-americana, o que é bem visível na Resolução do Congresso, já referida; e é por demais evidente o «engajamento» dos governantes europeus nesta aventura (perigosa aventura!), embora se vislumbre também algum comedimento, justificado pela desastrosa experiência das duas guerras mundiais no território europeu, no século passado.

Comedimento que não parece ter eco no nosso país que, ao que lemos na imprensa no próprio dia da visita do Secretário-geral da NATO, enviou um navio de comando e quatro F-16 para o Leste europeu e estará em breve no terreno, na Lituânia, com uma força terrestre de 300 homens, integrados na estratégia agressiva da NATO, em completo desrespeito da Constituição da República Portuguesa.

\* \* \*

A questão que se coloca, hoje, na sequência deste trágico balanço dos últimos 26 anos pós guerra fria, com dezenas de guerras – ditas de baixa intensidade umas, cirúrgicas outras, limpas ainda outras, suportadas ou não em decisões da ONU, mas em todas morrendo imensa gente – , é a de sabermos para onde estamos a caminhar. Uma segunda edição da guerra fria? Com que motivações? Travar o quê? Apertar o cerco mais, até onde?

\* \* \*

A Federação Russa é uma potência nuclear, com um potencial de destruição equivalente ao dos EUA. Ambos os lados sabem que hipóteses têm de sobreviver a um confronto total: nenhuma. Mesmo na hipótese da vantagem do primeiro ataque, com destruição da capacidade de riposta do inimigo, aquilo que se conhece de ciência feita nos diz o mesmo.

Estima-se em cerca de dezasseis milhares o número de cabeças com explosivos nucleares existentes nos arsenais das potências nucleares. Destas, cerca de quatro mil são consideradas operacionais, das quais quase duas mil, detidas pelos EUA e a Federação Russa, se encontram em «alerta máximo» prontas a serem disparadas em poucos minutos.

Vou socorrer-me de um texto recente de Frederico de Carvalho:

*«Deve entender-se que mereceria já designação de confrontação nuclear generalizada o rebentamento de uma fracção de apenas um por cento dos explosivos operacionais hoje existentes nos arsenais das potências nucleares (...). Tratar-se-ia de cerca de 4000 vezes a energia libertada pela bomba que destruiu a cidade japonesa de Hiroshima, em 1945. (...)*

*Uma conflagração nuclear, mesmo de carácter regional ou continental, terá efeitos duráveis sobre o ambiente, conduzindo a alterações globais catastróficas no plano da meteorologia que poderão persistir por vários anos. Para lá da acção destrutiva directa dos rebentamentos nucleares, dos efeitos imediatos e dos efeitos prolongados da emis-*

*são de radiações e das poeiras radioactivas, as alterações meteorológicas associadas ao chamado “inverno nuclear” (...) reduziriam a duração ou eliminariam os períodos férteis de crescimento das plantas durante anos, levando a maior parte dos seres humanos e outras espécies animais a sucumbir à fome.»*

\* \* \*

Entretanto a poderosíssima máquina de guerra americana vem reforçando posições também noutras paragens do planeta:

- No Pacífico, apertando o cerco à China;
- Em África, com a criação de um Comando Militar Africano (AFRICOM);
- Na América Latina e no Caribe, onde, imagine-se, possuem 70 bases militares.

Na Europa, de onde nunca saíram, no pós 2ª Guerra Mundial, promovem o reforço e alargamento da NATO e pretendem instalar componentes do famigerado «escudo anti-míssil» que, a ser concretizado, representaria um desequilíbrio radical das forças nucleares, ao conceder aos EUA a capacidade de empreender um primeiro ataque ficando a salvo da previsível represália.

Esta ameaça é real e, na cartilha belicista, só admite dois cenários possíveis: a capitulação dos adversários, o que não parece credível, e conseqüente domínio total, ou a divisão do Mundo novamente através duma nova «guerra fria», com a conseqüente corrida aos armamentos. Neste segundo cenário, não existindo já o pretexto ideológico para o combate à União Soviética, tão ao jeito das classes poderosas, fica uma grande interrogação quanto ao comportamento das potências emergentes e até mesmo de algumas potências europeias, que dão sinais já de alguma preocupação.

A resposta a esta e muitas outras dúvidas e interrogações, como é natural, só a teremos *a posteriori*.

Mas uma certeza temos: ou conseguimos mobilizar todos os homens e mulheres de boa vontade do Mundo para a luta pacífica contra esta insanidade belicista que parece varrer os estados-maiores das potências nucleares, ou, estamos condenados a viver num Mundo cada vez mais à beira dos seus últimos 5 minutos, à mercê de um qualquer acto de loucura, ou mesmo de um simples erro de cálculo ou uma falsa manobra.

Intervenção na festa de comemoração do 70.º aniversário da Vitória sobre o nazi-fascismo, realizada pela Associação Lúri Gagárin no dia 9 de Maio de 2015, no Clube Estefânia, em Lisboa